

“A ÁFRICA QUE EU FALO”: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA SOBRE A VALORIZAÇÃO DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA NOS ANOS INICIAIS

Melissa da Costa Fernandes Lima¹

Larissa dos Santos Estevão²

RESUMO

Este trabalho tece considerações sobre a experiência do desenvolvimento de práticas pedagógicas voltadas a valorização da cultura afro-brasileira e construção da identidade de estudantes nos anos iniciais do ensino fundamental. O presente relato apresenta uma prática de trabalho interdisciplinar desenvolvida na Escola Municipal Maria Cecília Pontes Carnaúba com a turma do 1º ano do ensino fundamental, cujo o objetivo visou aprofundar os conhecimentos sobre a origem das palavras de nossa língua e como elas refletem a presença de povos africanos na formação da nossa sociedade. Está fundamentado teoricamente nos estudos de Cooper (2006) sobre o ensino do passado a crianças, buscando compreender como podemos ajudar crianças pequenas a se relacionarem com o passado por meios que reflitam uma genuína investigação histórica e em Pinheiro (2023) na compreensão de práticas educativas antirracistas. Conclui-se que o processo de alfabetização é campo fértil para a abordagem de conhecimentos históricos de forma significativa e cativante, possibilitando a promoção do senso de pertencimento e identidade.

Palavras-chave: Cultura afro-brasileira. Interdisciplinaridade. Alfabetização. Prática pedagógica. Anos iniciais.

INTRODUÇÃO

Em Alagoas, segundo o Censo Demográfico de 2022 divulgado pelo IBGE, a população é de mais de três milhões e cem mil pessoas, sendo que dois terços desse total se declararam pardos ou negros, constituindo a maioria da população do estado. Carvalho (2021), afirma que não restam dúvidas que essa coletividade é legatária de séculos da forte presença dos negros africanos em solo alagoano, segundo o autor essa ampla maioria é

¹ Graduada em Pedagogia e em História, pós-graduada em Psicopedagogia Institucional, Cultura Afro-Brasileira, Metodologia em História/Geografia e em História de Alagoas. Atualmente é professora da Rede Municipal de Ensino de Maceió/AL e leciona para o 1º ano do ensino fundamental anos iniciais, bem como para o 2º Segmento em turmas da EJAI.

² Mestra em Educação pelo Centro de Educação da UFPE; Pós-graduada em Gestão da escola com ênfase em coordenação e orientação escolar pela Universidade Pitágoras Unopar; Graduada em Pedagogia pela UFAL. Atualmente é técnica-pedagógica na SEMED Maceió atuando como formadora de professores do ciclo de alfabetização (1º ao 3º ano) pelo Programa Alfabetiza Maceió.

herdeira dos quase quatro séculos da marcante presença dos negros africanos e de seus descendentes na história, na economia e na sociedade de Alagoas.

Desenvolver práticas pedagógicas que envolvam os estudantes no conhecimento e na valorização da cultura africana, fundamentadas na aplicação da Lei 10.639/2003, que trata do ensino de História e Cultura Afro-brasileira, tanto na composição populacional brasileira como, de maneira específica, na de Alagoas, é promover aprendizagens significativas e envolventes que contribuam para o desenvolvimento social, cultural e cognitivo dos alunos, inclusive voltadas para as turmas do ensino fundamental nos anos iniciais.

Em novembro de 2024, desenvolvemos uma experiência pedagógica com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Maria Cecília Pontes Carnaúba, cujo o objetivo visou aprofundar os conhecimentos sobre a origem das palavras de nossa língua e como elas refletem a presença de povos africanos na formação da nossa sociedade. A experiência foi conduzida por meio de atividades práticas e dinâmicas interdisciplinares que envolveram os componentes curriculares História, Língua Portuguesa, Matemática e Arte, visando além da ampliação do vocabulário dos estudantes, a promoção da reflexão sobre identidade e diversidade.

Para que as ações sobre a temática proposta fossem concretizadas dentro dessa perspectiva, abordamos o livro *A África que Você Fala*, escrito por Cláudio Fragata e ilustrado por Marcelo Negro, como recurso pedagógico. A origem das palavras apresentadas na obra permeou a busca por uma metodologia baseada nos objetivos propostos e na reflexão docente sobre uma prática pedagógica significativa e cativante, considerando que o público-alvo se encontra no processo de alfabetização.

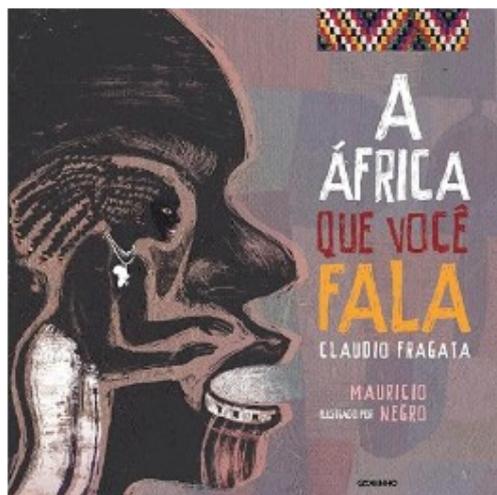


Imagem 1: Capa do livro usado como recurso pedagógico.

Fonte: <https://www.amazon.com.br/%C3%81frica-que-voc%C3%AA-fala/dp/655567007X>.

De acordo com Cooper (2006), crianças pequenas desenvolvem habilidades de comunicação aprimoradas ao aprenderem sobre o passado, pois tais abordagens envolvem ouvir e usar a linguagem de maneira nova e complexa, assim, as crianças aprendem a sequenciar eventos, usar vocabulário especializado e construir argumentos.

Deste modo, definimos as práticas de linguagem Oralidade e Escrita como foco nesse trabalho, aprimorando as habilidades delas decorrentes no processo de alfabetização dos estudantes da turma, voltadas para o enriquecimento de seu vocabulário, fundamentado na origem, história e identidade linguística.

As metodologias ativas e a pirâmide de aprendizagem foram a base da metodologia escolhida para a concretização da proposta, pois buscaram colocar os estudantes como sujeitos ativos de suas aprendizagens, envolvendo-os em discussões, jogos, ensinando uns aos outros, realizando atividades práticas, entre outras. Partiu-se sempre do perfil de escolarização dos estudantes, sua faixa etária, apropriação da leitura e escrita, além do uso de materiais concretos para a consolidação da proposta.

AÇÃO E METODOLOGIA

As atividades foram iniciadas com a adaptação do jogo 'Batata quente' com os estudantes. Para isso, colocamos dentro de uma caixa algumas palavras de origem africana que seriam analisadas posteriormente no livro *A África que Você Fala*.

A turma foi orientada sobre a dinâmica do jogo: todos sentados em círculo, enquanto a caixa passaria de um para o outro ao som de uma música. Quando a música parasse, o estudante que ficou com a caixa a abriria, pegaria um cartão e faria a leitura da palavra escrita nele. As palavras foram escritas com letra bastão e em maiúscula para que todos os alunos conseguissem realizar o processo de decodificação, reconhecendo as letras e lendo as palavras. Como o intuito era que todos descobrissem as palavras por meio do jogo, foi realizada a mediação com os alunos que ainda se encontravam no início do processo de alfabetização para conseguir ler as palavras que retiravam. Essa mediação foi intercalada entre a professora colegas da turma que já se encontravam em nível de leitor competente, para que houvesse a contribuição mútua entre os alunos.



Imagem 2 e 3: Adaptação do jogo “Batata quente” com os estudantes.

Fonte: Acervo próprio, 2024.

Após a leitura da palavra, os estudantes eram incentivados a tecer comentários sobre ela, como se já a conheciam, se já haviam ouvido alguém usá-la, o que ela significava, entre outras questões. Durante essas discussões, surgiram vários comentários: “Minha mãe faz *mocotó*”; “Eu gosto de *cafuné*”; “Tiro um *cochilo* toda tarde”. O jogo só foi encerrado quando todos os alunos pegaram a “Batata quente” e participaram da dinâmica seguindo os passos descritos anteriormente.

Em seguida, dentro da rotina de Língua Portuguesa adotada pelo Programa Alfabetiza Maceió, foi realizada a leitura exemplar do livro “*A África que Você Fala*” para a turma pela professora, com a posterior conversa sobre o texto. Dessa forma, a professora conduziu esse momento realizando não apenas a análise linguística e semiótica das palavras e seus significados, mas também explorando os elementos visuais da obra, desde a capa e passando por cada página do livro, para que os alunos, para além do processo de decodificação, pudessem associá-las às ilustrações, buscando alcançar uma compreensão mais completa e complexa do texto e seu contexto.

Durante as discussões, a professora da turma questionou os alunos sobre a origem das palavras destacadas na obra e mediu a conversa para que, de forma investigativa, eles refletissem sobre como as palavras africanas chegaram ao Brasil e passaram a fazer parte do nosso vocabulário cotidiano, sendo pronunciadas com frequência.

Esse momento resultou na rica produção de uma tempestade de ideias, na qual surgiram termos como: escravos, escravidão, racismo. Foi um momento importante para o esclarecimento de dúvidas e reflexão sobre determinadas posturas. No primeiro dia da realização da atividade, o foco maior foi a escuta atenta da parte da professora a fim de refletir sobre a melhor abordagem da temática nas próximas aulas, sendo assim, os alunos ficaram bastante à vontade para discutir, questionar e refletir sobre a temática, enquanto a professora

conduzia o processo de modo a intervir o mínimo possível e mediar apenas quando necessário.

Para concluir esse primeiro ciclo de atividades com a turma, foi proposto aos alunos que escolhessem duas palavras de origem africana para que fosse possível produzir um livreto com a compilação de palavras escolhidas, analisadas e ilustradas por eles. O intuito foi sempre que o aluno assumisse o protagonismo, sendo ativos em suas aprendizagens e nesse momento ele faria a escolha e escrita das palavras, analisando-as, destacando a quantidade de letras e sílabas, bem como trabalhando a associação da imagem ao ilustrá-las.

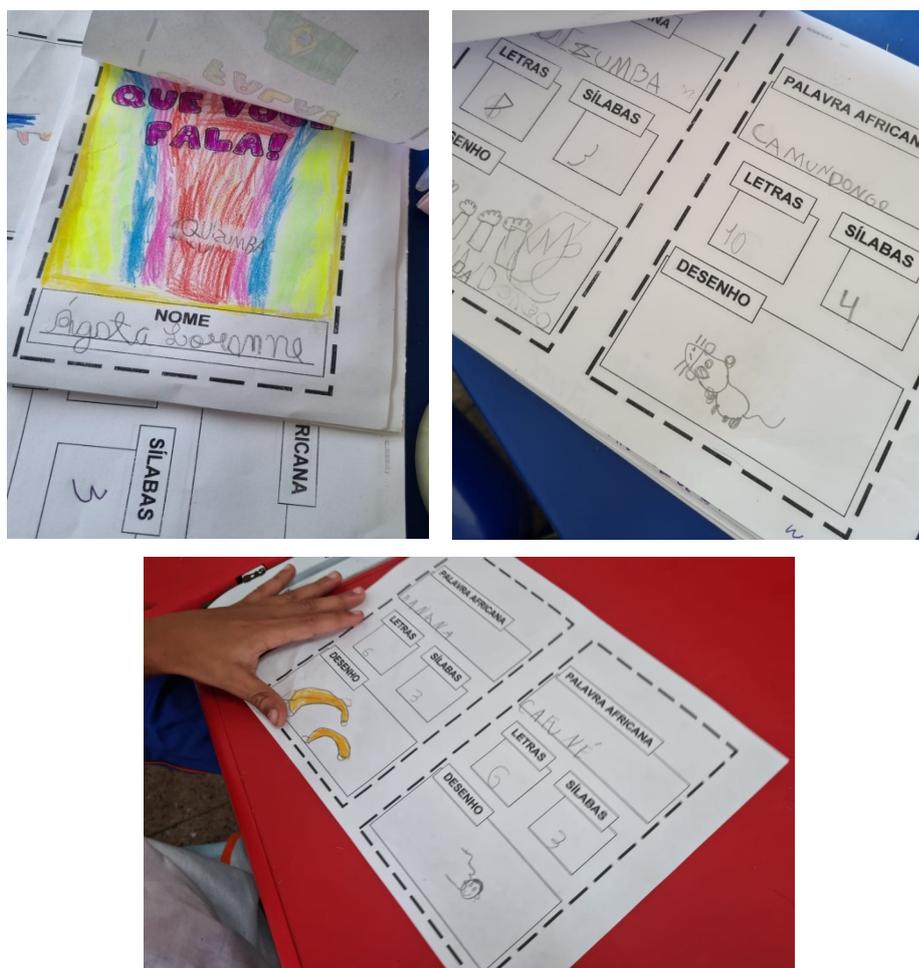


Imagem 4, 5 e 6: Análise de palavras africanas pelos estudantes.

Fonte: Acervo próprio, 2024.

Essa atividade ocorreu diariamente no período de uma semana sempre após a leitura do livro, para que, ao término de uma semana, os alunos tivessem 10 palavras de origem africana para compor seus livretos. Vale aqui destacar que inicialmente a leitura era realizada pela professora, como leitura exemplar e posteriormente passou a ser realizada de forma alternada entre os alunos, com uns lendo para os outros.

Outras atividades voltadas para a leitura e escrita também foram realizadas no percurso, como a tabela com coordenadas, que incluíam números e sílabas das palavras africanas que estavam sendo analisadas pela turma. Criamos códigos para que, por meio da investigação, os alunos pudessem identificar as sílabas, escrevê-las e, por fim, formar as palavras. Eles puderam explorar a tabela, visualizar, questionar e só depois receberam os códigos. Em processo de ajuda mútua, os estudantes auxiliaram uns aos outros a identificar, escrever e refletir ou mesmo corrigir, se necessário, a palavra de origem africana “escondida” nos códigos.



Imagem 7 e 8: Tabela com as coordenadas usando letra e números.

Fonte: Acervo próprio, 2024.



Imagem 9, 10 e 11: Cartaz com códigos para a escrita das palavras identificadas.

Fonte: Acervo próprio, 2024.

Na sequência das atividades, exploramos a sequência numérica para a composição da ilustração seguida da escrita da sua palavra africana representativa: CAMUNDONGO.



Imagem 12: Atividade de sequência numérica.

Fonte: Acervo próprio, 2024.

Realizamos ainda a análise fonológica da palavra, trabalhando sua escrita e fonologia, já que envolviam sílabas que finalizavam com a letra N, bem como seu sinônimo. Foi um momento para exercitar a escrita e experimentar as letras, associando-as à sonoridade, motivando os alunos a tentarem e a verificarem no livro para validar os argumentos apresentados.

As palavras africanas *Camundongo* e *Bafafá* permearam ainda as nossas aulas de Arte, envolvendo diferentes técnicas de artes visuais, incluindo o grafismo africano. O *camundongo* foi representado por meio de um desenho 3D, utilizando hidrocor de várias cores para compor diferentes tracejados em seu traje, além de pintura, recorte e colagem. Essa atividade estimulou habilidades motoras, como a coordenação motora fina, com o intuito de potencializar também a escrita dos alunos.

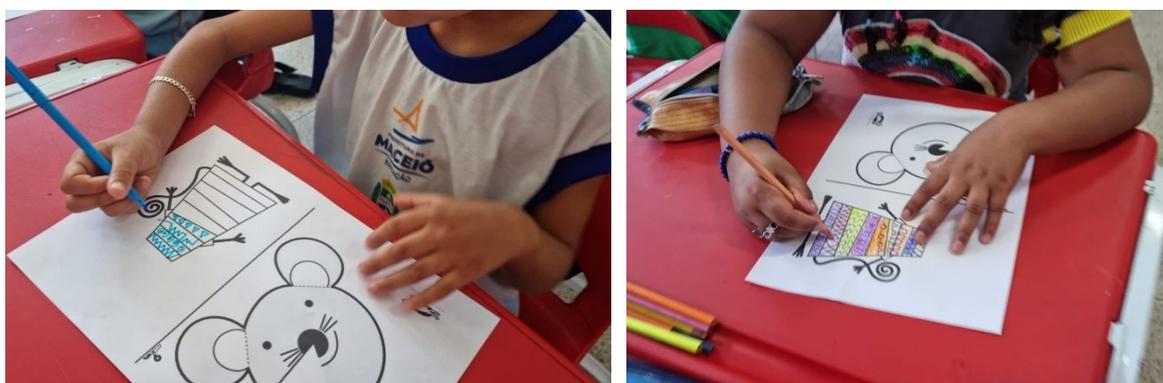


Imagem 13, 14 e 15: Atividade de artes visuais – Confeção de camundongo 3D³.

Fonte: Acervo próprio, 2024.

³ Atividade disponível em: <https://krokotak.com/2020/01/chinese-new-year-2020-v-year-of-the-rat/>.

A palavra *Bafafá* seguiu a representação 3D em relação ao recorte, dobradura, pintura e colagem.



Imagem 16: Atividade de artes visuais – Confeção de faces 3D⁴.

Fonte: Acervo próprio, 2024.

Conforme as atividades foram sendo desenvolvidas, foram expostas em sala de aula para que os alunos as visualizassem diariamente. A variedade de atividades que estimulavam o trabalho prático pelos alunos permeou as ações voltadas para a valorização da cultura africana em nosso vocabulário.



Imagem 16: Exposição das atividades produzidas.

Fonte: Acervo próprio, 2024.

Gradativamente, os estudantes começaram a identificar palavras de origem africana e a trazer outras para compartilhar com os colegas. Essas atitudes foram sendo percebidas no cotidiano da escola, como quando, ao ler o cardápio da merenda, exposto no pátio da escola,

⁴ Atividade disponível em: <https://krokotak.com/2022/07/3d-faces-2/>.

um aluno comentou: “Essa palavra é africana!” Ou, durante conversas em sala de aula, outro disse: “Que *quizumba* é essa?”.

Como a observação das palavras e a materialização delas estavam bem evidentes na turma, realizamos uma cruzadinha para ser feita coletivamente, na qual havia imagens para que os alunos relacionassem às palavras africanas estudadas. Essa atividade foi realizada em duplas ou trios, agrupados de forma produtivas de acordo com nível de desenvolvimento, incentivando o trabalho conjunto e a ajuda mútua entre eles para escreverem as palavras.



Imagem 17 e 18: Cruzadinha coletiva de palavras de origem africana.

Fonte: Acervo próprio, 2024.

Vejamos, ao observar a Imagem 17, percebemos que a estudante vai escrever a palavra BANANA que está na vertical. No entanto, as palavras FAROFA e CUCA já haviam sido registradas na horizontal e que perpassavam aquela coluna, fazendo com que ela atentasse a necessidade de inserir apenas as letras que faltavam para compor a palavra selecionada.

Já na Imagem 18, temos o estudante escrevendo a palavra CUCA. Ao escrever o segundo C, ele fechou o traçado formando a vogal O, o que foi imediatamente percebido pelo próprio aluno, sem necessidade de mediação. Essa reflexão sobre o registro do fonema no grafema é extremamente importante para o aluno no processo de apropriação do sistema de escrita alfabético.

Para finalizar o trabalho desenvolvido, organizamos junto aos alunos uma culminância⁵ na qual eles compartilharam suas aprendizagens sobre as palavras de origem africana que fazem parte do nosso vocabulário cotidiano, com o objetivo de divulgar para a comunidade escolar.

⁵ Vídeo disponível em: https://www.canva.com/design/DAGXBWzXv9c/PUJQkm4i56QzXHIz-Qf8AA/edit?utm_content=DAGXBWzXv9c&utm_campaign=designshare&utm_medium=link2&utm_source=sharebutton.

No dia 22 de novembro, os estudantes receberam um kit contendo um exemplar da obra literária utilizada no desenvolvimento da temática, o livreto que construíram no decorrer do trabalho em sala de aula e uma viseira. A exposição de suas aprendizagens aconteceu por meio da gravação e divulgação pela professora de vídeos curtos da turma, nos quais relataram as palavras estudadas e o livro que os acompanhou. Esse momento de culminância da temática abordada foi intitulado “A África que Eu Falo” relacionando à construção e valorização de nossa identidade.



Imagens 19 e 20: Kit recebido pelos alunos na culminância das atividades.

Fonte: Acervo próprio, 2024.

Os vídeos foram compilados e divulgados, inclusive entre os próprios alunos, para apreciação e observação de suas falas e posturas. Por meio da oralidade e das expressões corporais, eles puderam compartilhar a História que faz parte de todos nós.

Cooper (2006) reforça que à medida que as crianças crescem elas podem se relacionar com o passado de maneiras mais complexas: elas podem discutir as causas e os efeitos das mudanças ao longo do tempo, fazer inferências a partir de fontes históricas e construir suas próprias interpretações do passado.

Portanto, conhecer e valorizar as diferentes culturas que juntas contribuíram para a formação populacional do nosso país é, sem dúvida, reconhecer a presença da cultura africana em diversos aspectos na nossa sociedade, incluindo na língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar um tema contemporâneo como a educação antirracista é, antes de tudo, trazer ao conhecimento dos alunos nos anos iniciais, séculos de História invisibilizada, ofuscada pela versão eurocêntrica dominante dos fatos, estimulando reflexão e criticidade.

Um desafio ainda maior é trabalhar com práticas pedagógicas voltadas ao ensino da História e cultura afro-brasileira – e, por que não, afro-alagoana – para turmas no início do seu processo de alfabetização. Nesse período, as letras e palavras vão tomando forma e representatividade, o que possibilita um campo fértil para que os alunos sejam estimulados e provocados com conhecimentos sobre o passado de forma significativa e cativante.

O relato de experiência aqui exposto, traz evidências de que é possível alcançar estudantes no início de sua escolarização, desde que eles sejam protagonistas e ativos em suas aprendizagens. Isso pode ser alcançado por meio de atividades variadas e, também, da interdisciplinaridade, permitindo que as práticas pedagógicas intencionalmente escolhidas, promovam o senso de pertencimento e identidade.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei Nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003**. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2003.

CARVALHO, Cícero Péricles de. **Formação Histórica de Alagoas**. 6 ed. Maceió: Edufal, 2021.

COOPER, Hilary. Aprendendo e ensinando sobre o passado a crianças de três a oito anos. In: **Educar em Revista**. Dossiê: Educação Histórica. Curitiba: UFPR, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/8wydNzqGj5yKJzgkhPv5NTp/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 08 jan. 2025.

FRAGATA, Claudio. **A África que você fala**. São Paulo: Editora Globinho, 2021.

PINHEIRO, Bárbara Carine Soares. **Como ser um Educador Antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.